



**Arthur BigHead**

(pesquisador, músico, produtor cultural)

- Bacharel e professor em Filosofia -

# *Banda de Frevo*

*(um modelo para pensar)*

14.1

RESPOSTA

DESCREVENDO -  
EVOLUÇÃO X FATOS E FATORES HISTÓRICOS

Recife  
2023

Incentivo:



Secretaria  
de Cultura



GOVERNO DE  
**PERNAMBUCO**  
ESTADO DE MUDANÇA

## I. Descrevendo - Evolução x Fatos e Fatores históricos

- História: Encadeamento de fatos (evolução e registro da ação);
- História: Lógica nos acontecimentos (cronologia: fatos x fatores);

Enquanto “Música” o Frevo foi fundamentado numa cultura agressiva. Depois da Confederação do Equador (1824) foram criadas as corporações da **Brigada Militar (1825)** e do **Corpo da Guarda Nacional (1831)**. Às duas tropas tinham a função de conter distúrbios sociais ou qualquer tipo de movimento separatista, emancipacionista ou que colocasse a governabilidade da coroa portuguesa e depois da coroa brasileira em dúvida. A função das tropas era a repressão contra qualquer insurgência. A Brigada Militar ficava no Bairro de Santo Antônio e a Guarda Nacional ficava no Bairro de São José, no centro do Recife.

Às duas tropas tinham Bandas de Música, sendo respectivamente: o Quarto e a Espanha. Às duas tropas cumpriam o rito da troca da guarda, com desfile diário que passou a ser acompanhado pelos capoeiras. Ao longo de décadas a “marcha militar ganhou sotaque pernambucano”. Do mesmo modo adquiriu mais movimento sincopado sob influência da ginga dos negros. De modo contínuo a rivalidade entre os grupos de capoeiras, defendendo suas Bandas de predileção, foi incorporada a ambientação do início do Frevo, que também traduzia a função violenta desenvolvida pelas tropas de origem das duas Bandas que era o controle de distúrbios contra o Império (Brigada Militar e do Corpo da Guarda Nacional).

Entre **1850 e 1970**, os bairros de São José e Santo Antônio, localizados no centro do Recife tinham uma arquitetura que possibilitava à amplificação sonora dos instrumentos acústicos executando proezas entre ruelas estreitas. A destruição da arquitetura da velha cidade do Recife refletiu no Frevo. Sem as ruelas estreitas ele perdeu seu ambiente natural.

Entre **1888 e 1930**, foram formados os primeiros clubes pedestres, numa ação determinada dos trabalhadores de diferentes categorias (Caiadores, Lenhadores, Vassourinhas) em defenderem seu espaço no Carnaval com o Frevo de Rua.

Aos poucos o Frevo foi levado das Bandas Militares para os clubes pedestres. Os capoeiras foram tirados de cena. As Orquestras tomaram o espaço. Até que surgiram as primeiras gravações de Frevo, realizadas no Rio de Janeiro.

**1916**, Zuzinha ingressou como mestre da Banda de Música da Polícia Militar (Força Pública do Estado de Pernambuco).

**1919**, foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco.

**1922**, Nelson Ferreira foi levado para o Rio de Janeiro e tocou no Cine Central.

**1923**, Ciclo do Recife, cinema mudo, com trilha sonora ao vivo (piano ou Banda).

**1923**, Casa Edison - RJ - Borboleta Não É Ave (Nelson Ferreira) Bahiano e Grupo.

**1929**, Casa Edison - RJ - Não Puxa Maroca (Nelson Ferreira) - Orquestra Victor Brasileira, regente Pixinguinha, Frevo instrumental.

**1933**, Casa Edison - RJ - Luzia no Frevo (Antônio Sapateiro, era músico da Banda da PM sob regência do Capitão Zuzinha) - Pixinguinha e Orquestra Diabos do Céu.

Nos anos **1930** e **1940**, o Frevo foi levado para o estúdio da Rádio Clube.

Em **1954**, criação do estúdio de gravação e fábrica de discos **Rozenblit** (que agregava também vários selos, dentre eles o Mocambo). Com os discos aqui produzidos, e com o sistema de comunicação desenvolvido pelos jornais e pela Rádio Clube, o Frevo foi levado para o mundo.

Nos anos **1960** e **1970**, o Frevo atinge os grandes clubes sociais da cidade, com excelentes orquestras executando o polifônico e sincopado Frevo em palcos.

Nos anos **1980**, enfrentamos problemas quase que simultâneos. A Rozenblit e o Mocambo fecharam. O mesmo aconteceu com o sistema de rádio e TV locais que reduziram drasticamente a produção local.

A ação marcial, no Frevo de Rua, se fez presente na música, e na dança, até a extinção dos capoeiras. O estado não foi poético em resolver o problema. Ele prendeu, matou e interferiu no desenvolvimento de algo mais que estava para surgir entre a Capoeira e o Frevo. Perdemos a Capoeira de Pernambuco, ela parece só existir, como lembrança em alguns passos do Frevo. A Marcha Frevo, ou Marcha Pernambucana ganhou espaço entre as Filarmônicas de Corporações Civis, chegando à formação das Orquestras dos Clubes Pedestres. O repertório com arranjos para Bandas de Frevo, foi se adequando, era tocado em movimento, entre ruelas estreitas que intensificam o som dos instrumentos acústicos.

Entre **1940** e **1960**, vários compositores passaram a se destacar, contudo, seus arranjos eram para Big Bands e Orquestras: Levino Ferreira, Zé Meneses, Toscano, Zumba, Lídio Macacão. Com Nelson Ferreira e Capiba, o Frevo ganhou requinte de produto de mercado. O Frevo atingiu sua maturidade.

No início da década de **1970**, o bairro de São José ainda era o Recife afro! Ali a cidade tinha diversas representatividades culturais e o Frevo se mesclava a tudo numa geleia geral. A destruição referencial em vários bairros, e a descaracterização (acústica) arquitetônica, de locais pelo centro, e em bairros como Casa Amarela, Encruzilhada, Arruda, Água Fria, Beberibe, Afogados, impossibilitou a continuidade, desenvolvimento ou evolução do que poderíamos ter alcançado artística e culturalmente na relação com a tradição do folclore do Frevo (enquanto comunicação do saber do povo).

O Frevo carece de estudos, teorização, comprovações históricas, material de pesquisa produzido para compreensão dele em sua morfologia, lógica (epistemológica e histórica). Nesse sentido os trabalhos escritos e de pesquisa

do Valdemar de Oliveira, Rita de Cássia, Evandro Rabello, Leonardo Dantas, Carmem Lélis, Renato Phaelante, Hugo Martins e Samuel Valente, trazem imagens e significados do Frevo “na Rua”, algo longe do que temos há duas ou três décadas em megaeventos. Sem as referências do passado distante não teríamos noção da luta de classes exposta no Frevo, mas encoberta pela maquiagem mercadológica.

Na década de 1970 a repressão política afetou a produção artística-cultural, que enfrentou vários problemas para realizar projetos e continuar atividades.

Na década de 1980 o mercado fonográfico, do Recife, foi bastante afetado com o encerramento de fábrica de discos e de selos ligados a ela. Sucessivas crises econômicas levaram o sistema de comunicação a beira da falência em Recife.

Nas últimas décadas (1990, 2000, 2010, 2020) tudo isso mudou. Com a espetacularização do período momesco as prefeituras espalham palcos fixos. Isso se repete do litoral ao sertão em escala reduzida. A massificação do carnaval fora de época, o gerenciamento dos palcos móveis dos trios elétricos, e a simplificação monofônica substituindo a “polifonia da cultura do Frevo de Rua”, ligadas aos Clubes de Pedestres, aos assistas intuitivos que celebravam sua cultura, indicam, que o Frevo cada vez mais caminha para o formato show de palco, para ser consumido como produto mercadológico distanciando-se cada vez mais de sua origem contestadora, e da rua.

Ainda mais complexo é a progressiva perda do ambiente cultural deslocando o fundamento do Frevo para elementos musicais técnicos complexos, estranhos a cultura do povo, cada vez mais restrito a músicos especialistas, principalmente duas décadas pós-guerra. Por outro lado, a dissipação de seus elementos musicais, e estilísticos, interferiram na sonoridade, timbragem e andamento, pois criaram ambiência musical diferente dos elementos originalmente dispostos.

As referências do passado são citadas apenas como vagas lembranças. Enquanto as citações do “presente” são colocadas como as mais importantes. As origens do Frevo não têm tanta importância, e sim o virtuosismo técnico. O importante é um bom instrumento e velocidade, assim se pode interferir quanto, e no que se quiser. O Frevo foi apropriado pela modernidade, deixou de ser agressivo, e vem se tornando música de teatro, palco móvel e fixo.

O Frevo nasceu da Marcha oriunda da Banda Militar. Aos poucos foi se agregando aos elementos de expressão, já utilizando, nosso sotaque musical. Ele também ajudou na criação da sonoridade de nossas muitas Bandas Filarmônicas em relação às Bandas de outros estados do país. Da Marcha militar ligada aos quartéis, a evolução dos capoeiras a frente destas bandas, o Frevo conquistou os civis nas ruas ampliado pelo poder do rádio, do disco e do mercado fonográfico.